

reportagem cultural

Fisgado pelo outro

Rafael Gloria, especial

Ricardo Timm de Souza nasceu na cidade de Farroupilha em 1962. Mas muito jovem veio com a família para Porto Alegre, onde se estabeleceram. Os pais, servidores da Secretaria da Fazenda, eram leitores. “Eu nasci meio a bibliotecas e livros. Então, nunca tive escolha”, brinca. A mãe gostava especialmente de poesia, decorava versos e os recitava para os filhos.

Ele conta que começou a ler por volta dos 3 ou 4 anos. Daquele período, guarda a sensação de “uma estupefação frente ao mundo”, um espanto que procurava acompanhar nas páginas. Entre as primeiras leituras, Robinson Crusoe permaneceu na memória por causa de uma cabra. Ricardo lembra do choque ao descobrir que o animal que acompanhava o personagem havia morrido e fora substituído por outro. “Impacto semelhante eu tive anos depois quando li o conto A Vaca, do Scliar, onde o personagem na ilha deserta vai cortando os pedacinhos dela para poder se alimentar e sobra só o olho, daí ele só vê uma lágrima no olho. É genial”, diz.

Quando decidiu estudar Música, recebeu o apoio do pai. “Eu sou trineto do Visconde de Mauá e a maioria dos filhos e descendentes dele eram da área

da economia, gente ligada a esse campo. Quando eu disse ao meu pai que faria faculdade de Música, ele achou bom que eu fosse fazer algo diferente”, diz.

Depois de se afastar da música, Timm acabou ingressando no curso de licenciatura em Estudos Sociais, na Pucrs, criado para complementar a formação de professores. No currículo havia uma disciplina de Filosofia. Ao perceber o interesse do estudante, um dos professores lhe aconselhou a trocar de curso: “Tu nasceu pra Filosofia”. Ele seguiu a recomendação.

O novo caminho lhe pareceu menos tenso, diferentemente da performance musical. “Ao mesmo tempo, quando eu cheguei na Filosofia, tudo era uma espécie de déjà-vu”, conta. Ele chegou a se cansar do curso, pois muitas leituras já haviam sido feitas na época da Música. Foi então que um pensador ainda pouco conhecido no Brasil o alcançou.

Timm conheceu o trabalho de Emmanuel Levinas a partir de uma atividade em uma aula de Antropologia Filosófica. O filósofo lituano-francês propunha que o sujeito não se constitui apenas a partir de si. “Fui fisgado por esse autor, que provoca o choque, o trauma de perceber que tu não és a tua projeção; que existe algo capaz de quebrar o teu universo de

referências e que, a partir disso, tu precisas te reconstruir, criar e descrever como sujeito. Para Levinas, o sujeito só se constitui quando assume a responsabilidade de ser sujeito em função da resposta que dá ao outro que chega. E aí, é claro, há toda uma teoria, dezenas de livros e muitas outras coisas”, explica.

Por volta de 1989, enquanto fazia o mestrado, ele enviou uma carta ao filósofo. Levinas respondeu, e Timm conserva até hoje a correspondência recebida. Em 1992, já no período do doutorado na Alemanha, encontrou-o durante um dos cursos que o filósofo ainda oferecia na Europa. Era inverno. O professor recorda duas figuras pequenas: Levinas e a esposa, protegidos por casacos, em meio ao tempo nublado.

Enquanto outras pessoas levavam para Levinas autografar livros conhecidos, como Totalidade e infinito e De outro modo que ser, Timm escolheu uma entrevista na qual o filósofo falava sobre arte com o escultor Sacha Sosno, que criava obras deliberadamente inacabadas, que se modificavam continuamente conforme a iluminação. Timm conta que ao receber o material, Levinas demonstrou surpresa. “Mas isso tudo é muito novo”, estranhou. “Esse é o meu interesse”, respondeu o brasileiro. A questão estética já o perseguia em seus estudos e interesses.



Colegas elogiam a serenidade e a generosidade intelectual do filósofo

Um professor formado por encontros

Quando voltou da Alemanha, Timm recebeu convite para atuar como visitante na então Fundação Universidade do Rio Grande. No Departamento de Educação, integrou o grupo que implantava uma pós-graduação em Educação Ambiental, articulando Oceanografia e humanidades.

Ele retornou à Pucrs em 1998. Começou na graduação em Filosofia e também trabalhou em Ciências Criminais, na pós-graduação e na assessoria de ética em pesquisa. Em 2010, passou a atuar na Letras, quando a Escrita Criativa ainda se consolidava como área acadêmica. Desde então, também leciona e orienta nessa área.

A música também está presente nas aulas de Estética ministradas por Timm. Ele conta que, em 2002, costumava levar o violino e tocar para os estudantes. Anos depois, um antigo aluno, hoje seu colega de profissão, relembrou aquelas apresentações. “Isso marcou as pessoas, porque era algo diferente”, afirma. Para o professor, a Estética tem a função de reforçar dimensões como a sensibilidade e o êxtase. “Não é incomum, por exemplo, que alunos caiam em lágrimas. Muitos nunca ouviram uma obra musical mais longa, nunca viram uma orquestra. Isso não faz parte do dia a dia das pessoas, mesmo de quem chega ao curso de Filosofia, que já é gente muito específica”, diz.

Segundo Timm, alguns estudantes ingressam na graduação por serem seminaristas e precisarem cursar Filosofia; outros chegam porque escolheram aquela formação. “Há jovens estudantes que desejam seguir a formação e pessoas que já possuem uma vida profissional estabelecida, mas sempre quiseram estudar Filosofia”, diz.

“Já lecionei para psicanalistas, advogados, médicos,

bombeiros, profissionais da segurança pública, escritores e pesquisadores de outros países”, enumera o professor. A variedade lhe interessa porque cada experiência desloca o debate e impede que a filosofia permaneça restrita a um único tipo de trajetória.

Ele conta mais de 60 dissertações de mestrado e 40 teses de doutorado orientadas, além de trabalhos de graduação e especialização. Brinca que já tem filhos, netos e bisnetos acadêmicos: antigos alunos formaram novos pesquisadores e abriram programas de pós-graduação em outras universidades.

O professor Agemir Bavaresco, colega na Pucrs, diz que a presença de Timm ultrapassa a produção acadêmica. Ao longo de décadas, afirma, ele formou gerações pelo rigor filosófico e também pela “coerência entre pensamento e vida”. Bavaresco destaca a generosidade intelectual, o diálogo e a serenidade com que Timm acolhe interlocutores de diferentes formações e perspectivas.

Em 2022, Bavaresco, Evandro Pontel e Jair Tauchen organizaram a publicação Tangências do indizível: Festschrift para marcar os 60 anos do filósofo. Segundo Bavaresco, as contribuições vindas de diferentes áreas do pensamento mostra o alcance de sua influência intelectual e também “o respeito e o afeto que conquistou ao longo de sua caminhada”.

Timm costuma dizer que é resultado do que recolheu ao longo da vida. Aprendeu com professores, estudantes e pessoas encontradas fora da universidade. “Quanto maior a pessoa, mais simples é. Mais transparente, menos complicada, mais direta”. É a medida que leva para a sala de aula. “Eu fui coletando essa experiência ao longo da vida. Sou o resultado de tudo isso”, aponta.



Ricardo Timm de Souza começou na música, mas foi na filosofia e na vida acadêmica que encontrou seu lugar